



2017/07/28

Síria. Mais uma decisão polêmica de Tump?

Alexandre Reis Rodrigues

Trump provocou mais uma “tempestade” política ao decidir pôr termo ao programa de ajuda aos rebeldes moderados que na Síria combatem o regime de Assad, programa iniciado pelo seu antecessor, no início de 2013¹ e conduzido pela CIA de forma “covert” (Programa “*Timber Sycamore*”)



Não é nenhuma surpresa. Trump já se tinha mostrado inclinado a abandoná-lo, em novembro de 2016, numa entrevista ao *Wall Street Journal*, sob a alegação de que não havia uma ideia firme sobre quem estavam a ajudar e que a sua prioridade era combater o ISIS (“*ISIS First strategy*”).

Desta vez, porém, a “tempestade” política talvez não chegue a ser tão grande como tem sido habitual. Há já algum tempo que várias vozes se levantavam contra o programa. Perda de tempo por não estar a conduzir a qualquer resultado útil e o habitual problema de as armas fornecidas pela CIA irem parar a mãos erradas eram os argumentos mais invocados.

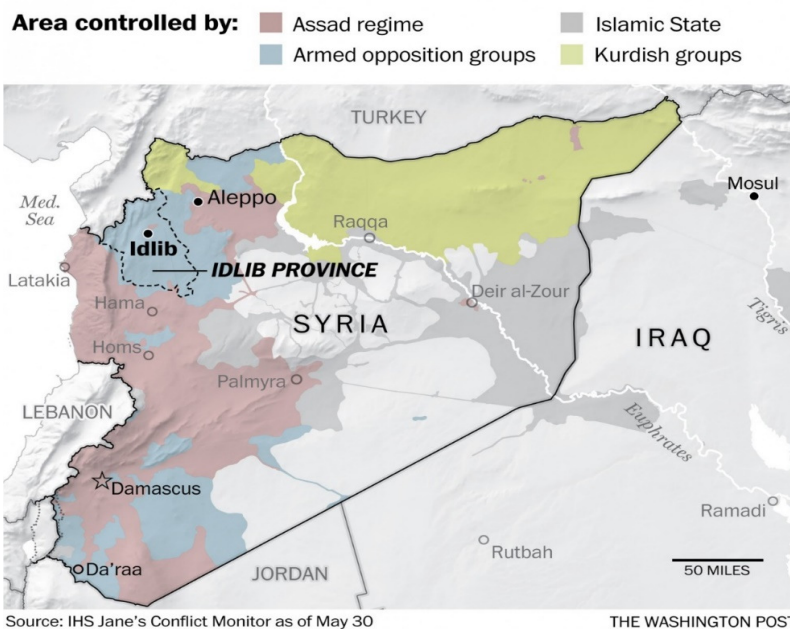
Outros críticos do programa, queixavam-se da sua natureza (provocar mudança de regime), do propósito pouco claro (apressar o fim de Assad ou promover o fim da guerra civil?) e do facto de não ter sido adaptado à alteração do contexto, quando a Rússia e o Irão decidiram intervir para evitar o colapso então iminente de Assad. Por essa altura, os EUA deveriam ter reforçado o programa para não deixar inverter o declínio então em curso do regime sírio. Em vez disso, Obama decidiu não dar qualquer pretexto a uma escalada, sob o receio de um agravamento da crise de relacionamento com a Rússia. Os rebeldes passaram a ser pressionados a combater apenas o ISIS e desencorajados a combater o regime sírio.

Por esta altura, ter-se-á discutido se o programa deveria ser suspenso, mas optou-se pela sua continuação. Sobre a questão da eventual falta de legitimidade para tentar mudar o regime, prevaleceu a ideia de que há circunstâncias que tornam essas intervenções justificadas, senão mesmo necessárias. Pesou também o critério ético de não abandonar aliados sozinhos no terreno, o que seria péssimo para a imagem dos EUA. Finalmente, considerou-se que, apesar de tudo, o programa estava a exercer uma influência positiva na estratégia de Assad, como expressão dos interesses americanos, e que isso compensava as falhas (armas em mão erradas, lutas entre facções que se deviam apoiar mutuamente, etc.).

Os que agora se insurgem contra o fim do programa alegam que equivale a uma concessão à Rússia, na medida em que Moscovo sempre o criticou e insistiu para que

¹ O apoio aos rebeldes, segundo algumas fontes, pode ter começado ainda em 2012 (março) no âmbito de uma colaboração clandestina com o *Free Syrian Army*, pela mão da CIA e sob supervisão do departamento de Estado numa ação de mudança de regime.

fosse abandonado. “Enorme erro estratégico”, acrescentam outros.² De facto, é uma decisão que parece desenhada à medida do empenho de Trump em criar um ambiente propício a uma relação de cooperação com Moscovo, que considera fulcral para a solução do conflito e para o combate ao ISIS. Curiosamente, o seu primeiro impacto, com o acordo de cessar-fogo no sudoeste da Síria a manter-se de forma surpreendente, parece justificar o otimismo com que a Casa Branca encara as perspetivas futuras. É, no entanto, muito cedo para concluir o que quer que seja; por vários motivos, como veremos.



Principalmente, porque a Rússia, embora seja o ator com que os EUA terão primariamente que negociar, não é o único que pode ter uma influência importante no desenvolvimento do processo. Turquia, Irão e Arábia Saudita, cada um com as suas prioridades e interesses próprios, tanto podem ajudar como tornar tudo mais difícil. Até a Turquia que, embora aliada dos EUA na NATO, tem estado profundamente contra a estratégia americana e tudo indica que vai continuar. Ancora sempre quis que os EUA levassem até ao fim a promessa de Obama quando disse que Assad tinha que sair; sempre quis o estabelecimento de uma “no fly zone”, a que os EUA se opem; sempre reclamou contra o armamento da facção curda que domina o norte da Síria e em que os EUA se apoiam para não ter que colocar no terreno as suas próprias tropas. A negação de todas estas reivindicações, que vem do tempo de Obama mas que Trump tem mantido, colocaram o relacionamento entre os dois países num nível que, porventura, nunca foi tão baixo. Esta situação deixa Washington com apenas um dialogante em quem não tem qualquer razão para confiar.

Muitos duvidam, com bons argumentos, de que o otimismo de Trump tenha bases minimamente sólidas. Só o tempo dirá se o regime sírio, com o apoio e consentimento da Rússia e Irão, não vai aproveitar o enfraquecimento dos rebeldes moderados, por falta de apoio americano, para o golpe definitivo na resistência. Resta apenas uma esperança. Como a suspensão do programa será implementada por fases, ao longo de meses, espera-se que isso permita corrigir o que não correr bem e, sobretudo, que, pelo menos, não se deixe de ajudar a oposição a defender-se e manter-se como um interveniente que terá a sua palavra no processo político subsequente. Só que não é evidente que estes sejam assuntos que preocupem Trump.

² «Making any concession to Russia, absent a broader strategy to Syria is irresponsible and shortsighted» (Mc Cain)